

Afinidades Eletivas: as perspectivas de Löwy e o movimento espiritista palmense

Elective Affinities: Löwy perspectives and the palmense spiritist movement

Afinidades electivas: las perspectivas de Löwy y el movimiento espiritista palmense



João Carlos Lima da Cruz

Universidade da Beira Interior, Castelo Branco, Covilhã, Portugal

joao.carlos.cruz@ubi.pt



Donizete Rodrigues

Universidade da Beira Interior, Castelo Branco, Covilhã, Portugal

dony@ubi.pt

Resumo: Descrevemos o conceito de *afinidades eletivas*, discutido por Michael Löwy, a partir das obras weberianas, e o movimento espiritista em Palmas (Tocantins, Brasil), expostas nos nexos de causalidades entre as diversas esferas sociais. A vinculação religiosa de atração recíproca com outros fenômenos sociais e a escolha por determinadas religiosidades são estabelecidas pelas visões de mundo implícitas na subjetividade dos indivíduos. A institucionalização do Espiritismo no Brasil, sua transformação de filosofia em religião e as condições sociais privilegiadas dos seus profíctes revelam a existência de relações afins em esferas sociais aparentemente divergentes, mas conectadas por nexos voluntários. A partir das condicionantes das relações do movimento espiritista palmense, assentadas em construções ético-filosóficas hierocráticas e doutrinariamente hegemônica, interpretamos as conexões entre os fenômenos religioso, econômico, político e de interesse estatal nessas diferentes esferas sociais.

Palavras-chave: Löwy; afinidades eletivas; movimento espírita; esferas sociais; religião.

Abstract: We describe the concept of elective affinities, discussed by Michael Löwy, based on Weberian works, and the spiritist movement in Palmas (Tocantins, Brazil), exposed in the causal nexus between the different social spheres. Religious ties of reciprocal attraction with other social phenomena and the choice of certain religiosities are established by the worldviews implicit in the subjectivity of individuals. The institutionalisation of Spiritism in Brazil, transformation of philosophy in religion and the privileged social conditions of its followers, reveal the existence of similar relationships in apparently divergent social spheres yet connected by voluntary articulations. From the conditioning factors of the Palmense Spiritist movement, based on hierocratic and doctrinally hegemonic ethical-philosophical constructions, we have interpreted the connections between religious, economic, political and state interest phenomena in these different social spheres.

Keywords: Löwy; elective affinities; spiritist movement; social spheres; religion.

Resumen: Describimos el concepto de afinidades electivas, discutido por Michael Löwy, a partir de obras weberianas y del movimiento espiritista de Palmas (Tocantins, Brasil), expuesto en los vínculos causales entre las diferentes esferas sociales. El vínculo religioso de atracción recíproca con otros fenómenos sociales y la elección por determinadas religiosidades están establecidos por las cosmovisiones implícitas en la subjetividad de los individuos. La institucionalización del Espiritismo en Brasil, su transformación de filosofía a religión y las condiciones sociales privilegiadas de sus beneficiarios, revelan la existencia de relaciones similares en esferas sociales aparentemente divergentes, pero conectadas por vínculos voluntarios. A partir de las condicionantes de las relaciones del movimiento espírita palmense, basados en construcciones ético-filosóficas hierocráticas y doctrinalmente hegemónicas, hemos interpretado las conexiones entre fenómenos religiosos, económicos, políticos y de interés estatal en esas diferentes esferas sociales.

Palabras clave: Löwy; afinidades electivas; movimiento espírita; esferas sociales; religión.

Submetido em: 28 de setembro de 2023

Aceito em: 29 de março de 2024

As afinidades eletivas na historicidade

Afirma Michael Löwy (2011) que a concepção da expressão “afinidades eletivas” está na obra clássica de Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na qual o autor procura explicar os nexos relacionais possíveis existentes entre duas esferas sociais distintas, como o capitalismo e a religião, havendo a presença de:

[...] elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico: o puritanismo ascético e a poupança de dinheiro, a ética protestante do trabalho e a disciplina burguesa do trabalho metódico, a valorização calvinista do ofício virtuoso e o *ethos* da empresa burguesa racional, a concepção ascética do uso utilitário das riquezas e a acumulação produtiva do capital, a exigência puritana da vida metódica e sistemática e a perseguição racional do lucro capitalista (Löwy, 2011, p. 131-132).

3

É igualmente percepção do sociólogo Michael Löwy que, na leitura e análise da obra citada de Weber, no contexto da Sociologia da religião, a grande maioria dos cientistas sociais não dialogou com a expressão “afinidades eletivas”, ou quando dialoga pretende definir a expressão por uma condição reducionista, por “expressão de ‘afinidades eletivas entre palavras’, em função da ‘intersecção de seus significados’, o que limita consideravelmente o seu alcance” (Löwy, 2011, p. 129).

Devido à necessidade de univocidade conceitual para a expressão, Michel Löwy recorre à importância da obra de Goethe, *Die Wahverwandtschaften* (As afinidades eletivas), numa acepção metafórica do termo para “designar o movimento passional pelo qual um homem e uma mulher são atraídos um pelo outro, [...] a partir da afinidade íntima entre suas almas” (Löwy, 2011, p. 130).

De fato, historicamente, houve a transcendência da expressão “afinidades eletivas” da química para o aninhamento na esfera social pela força mesma de atração entre sujeitos, por conta de que

“há uma afinidade quando dois seres ou elementos ‘procuram um ao outro, atraem-se, apoderam-se um do outro e, em seguida, em meio a essa união íntima, ressurgem de forma renovada e imprevisível” (Löwy, 2011, p. 130).

A despeito dessa percepção histórica, o pensamento de Max Weber, sociólogo que formula a expressão “afinidades eletivas”, transpõe a compreensão singular da ação pela causalidade do agir e a classifica num grau maior de importância, em virtude da argumentação de sua precedência entre os elementos material e espiritual. Weber considera que:

Perante a enorme complexidade de influências recíprocas entre as bases materiais, as formas de organização sociais e políticas e o conteúdo espiritual das épocas reformadoras, só poderemos proceder começando por procurar determinar se são perceptíveis, e em que pontos, «afinidades eletivas» entre diversas modalidades de fé religiosa e a ética profissional. Com isto, e simultaneamente, iremos analisar, na medida do possível, de que modo e em que *direção* o movimento religioso, em consequência destas afinidades eletivas, atuou sobre o desenvolvimento da civilização moderna (Weber, 2001, p. 70).

Entretanto, Löwy (2011) explica que a tradução de Talcott Parsons da obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, carregada por viés de interpretação positivista e sociológica funcional, torna a expressão “afinidades eletivas” (*Wahlverwandtschaften*) privada do seu sentido original, quando a toma por “certas correlações” (*certain correlations*) ou “essas relações” (*those relationships*), pois sua proposição legítima é a de ser “uma relação interna, rica e significativa entre duas configurações” (Löwy, 2011, p. 132).

Em síntese, a expressão “afinidades eletivas” se molda de explicações abertas e não de significado único. Condição essa apresentada por Löwy (2011) num compêndio que identifica as relações entre as diversas esferas sociais para o uso dessa expressão com

sentido de escolha mútua – atração e combinação –, como dispomos no Quadro 1:

Quadro 1 – Compêndio dos campos¹ sociais e usos conceituais da expressão afinidades eletivas

Esfera Social	Ocorrência da Afinidades eletivas
<i>Interna ao campo religioso</i>	Da relação entre formas religiosas distintas.
<i>Interna ao campo econômico</i>	Entre o “espírito” do capitalismo e a organização econômica capitalista.
<i>Interna ao campo cultural</i>	Entre a formação patrimonial burocrática moderna (especialização, profissionalização) e a formação feudal lúdica da atividade artística.
<i>Entre ética religiosa e ethos econômico</i>	Da relação real entre racionalidade econômica e ética religiosa rigorosa, sendo observada somente fora da sede do racionalismo econômico.
<i>Entre formas religiosas e formas políticas</i>	Entre o funcionamento das seitas religiosas e a democracia como na gestão direta por parte da comunidade religiosa.
<i>Entre estruturas econômicas e formas políticas</i>	Da ligação natural entre o capitalismo e a democracia.
<i>Entre classes sociais e ordens religiosas</i>	Entre poderes burgueses e religiosos.
<i>Entre visões de mundo e interesses de classes</i>	Da relação estabelecida entre uma forma de ideologia (a religiosa) e os interesses de uma classe econômica ou de <i>status</i> .
<i>Entre estilos de vida de uma classe social e certos estilos de vida religiosos</i>	Entre o estilo de vida exigido pela religião e o estilo de vida socialmente condicionado pelos grupos de <i>status</i> e pelas classes.

Fonte: Elaborado pelos autores baseado em Löwy (2011, p. 132-136).

Apesar da não conceituação específica das “afinidades eletivas” nas obras weberianas – o que não coloca em segundo plano sua importância –, podemos observar sua presença em diversas esferas sociais por não serem fechadas. Nesse contexto, por ocasiões “elas se encontram sobrepostas umas às outras: o *ethos* econômico, os estilos de vida das classes sociais e seus interesses estão longe de serem sempre aspectos distintos da realidade social” (Löwy, 2011, p. 137).

Enfim, Löwy, por contemplar nos escritos weberianos variadas modalidades de conexão nas esferas sociais, conceitua o termo

¹ Campo como lugar “social como espaço multidimensional de posições [...] cujos valores correspondem ao das diferentes variáveis pertinentes: [...] na primeira dimensão, segundo o valor global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital” (BOURDIEU, 1989, p. 135).

“afinidades eletivas” como o sistema no qual pares de estruturas sociais religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas “entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo” (Löwy, 2011, p. 139). Nessa perspectiva, esse é o conceito que tomamos por base na construção dos nexos facultativos entre o movimento espiritista palmense por uma interpretação de religião e as demais esferas sociais.

A ação social e as afinidades eletivas

Considerada essa construção conceitual löwyniana, as “afinidades eletivas” se mostram como ações em termos individual e coletivo e empreendidas em sua seleção conforme as possibilidades que se apresentam como opções. Assim, as “afinidades eletivas” são determinantes para compreendermos que a causalidade da ação não se revela somente por sentidos dados pela racionalidade finalística, mas que também podem incidir motivações axiológicas, tradicionais ou mesmo afetivas.

Na Sociologia da Ação, o agir não é um processo abstrato, mas relação numa dimensão histórico-social e racional². Tem por causalidade meios que proporcionam alcançar o fim desejado diante das variadas possibilidades conjunturais, pois as “dimensões da vida social, em determinadas condições do seu desenvolvimento, suscitam ações sociais racionalmente orientadas” (Cohn, 1995, p. 12). Como as “afinidades eletivas” se relacionam nos variados campos da ação, qualquer opção do indivíduo no agir na esfera social se apresenta como uma das diversas perspectivas possíveis, em relação a tantas outras, pois a ação não é um simples processo abstrato de cognição.

Sendo o agir conformado às condições sociais, econômicas e culturais da realidade concreta, as “afinidades eletivas” são a “conjunção entre fenômenos aparentemente disparatados dentro de

² Em sua *Sociologia Compreensiva*, Max Weber define por agir racional as ações em relação a fins e em relação a valores e por agir irracional as ações tradicional e afetiva (Weber, 1991, p. 15-16).

um mesmo campo cultural (religião, política e economia) ou entre as esferas sociais distintas: religião e economia” (Löwy, 2011, p. 141) e, como processos relacionais não demonstrados por uma motivação explícita como “uma forma religiosa sendo a ‘expressão’ de um conteúdo político ou social” (Löwy, 2011, p. 141), elas se apartam da visão determinista da causalidade e são relevantes para a compreensão da ação.

Em sua Teoria Compreensiva, Max Weber, ao utilizar o método histórico para comparar as relações sociais, emprega a pesquisa metodológica qualitativa motivado pela subjetividade do agente ou dos agentes espelhada no sentido da ação. Por isso que, quando intentamos compreender o agir, as “afinidades eletivas” existentes nas causalidades das ações devem ser consideradas em sua dinâmica temporal, social, histórica, cultural, entre outras.

Por efeito das possibilidades e da subjetividade dos sujeitos, as escolhas são motivadas por ações racionais ou não-rationais. Dado que a evidência da compreensão da ação social se relaciona ao sentido intentado, manifestando por motivação “uma conexão de sentido que, para o próprio agente ou para o observador, constitui a ‘razão’ de um comportamento quanto ao seu sentido” (Weber, 1991, p. 4), o sentido visado da ação também se estrutura nas modalidades de “afinidades eletivas”.

Nesse seguimento, a sociologia acionista aponta que os possíveis nexos existentes entre duas esferas sociais dissemelhantes são representados num *grau de afinidade pura e simples*, que é o “parentesco espiritual”; num *grau de eleição*, caracterizado pela “atração recíproca”; num *grau da articulação*, que é a “combinação ou ‘liga’ entre os parceiros” e num *grau de criação de uma figura nova*, dado pela “fusão de elementos constitutivos” (Löwy, 1989, p. 17).

Por esses pressupostos, é válido relacionarmos as “afinidades eletivas” no agir do indivíduo e/ou da coletividade do movimento espiritista palmense na conformidade do encadeamento de duas modalidades sociais, entre outras, aparentemente díspares – a religião e a política –, em virtude de determinadas correspondências

com significado de sentido que se relacionam por atração, seleção e reforço recíprocos em suas características socioeconômicas, políticas, ideologias e culturais.

Elementos socioeconômicos e culturais do espiritismo brasileiro-palmense

Trazida por estudantes e intelectuais brasileiros, a obra kardecista, *Le Livre des Esprits – contenant les principes de la doctrine spirite*, aporta no Brasil, na década de 1860, sendo lida e discutida por membros destacados da sociedade emergente e ponderada por neófitos como curiosidade. No Estado da Bahia, por exemplo, a elite instruída revelou interesse pelos postulados kardecistas: o intelectual Luiz Olímpio Teles de Menezes, a fim de socializar a doutrina ao nível cultural das massas da época, fundou, em 1865, o Grupo Familiar do Espiritismo – primeira instituição espiritista do Brasil.

Ao mesmo tempo, os adeptos das causas progressistas, como a abolição da escravatura e a proclamação da República, residentes no Rio de Janeiro, na altura capital do Brasil, na condição de espiritistas, extrapolam os princípios da Doutrina para além das rodas do eruditismo, numa tentativa de popularizar o Espiritismo. Para tanto, seus adeptos praticavam a homeopatia e aplicavam nos enfermos frequentadores das suas reuniões os “passes magnéticos”³.

Entretanto, é a partir do ano de 1875, com o advento da publicação do Livro dos Espíritos em português, que a Doutrina Espírita passa a ter maior visibilidade entre as diversas classes sociais brasileiras. Nesse momento, os intelectuais espiritistas, pelos interesses comuns e identitários com as propostas kardecistas e por seu aspeto racional, ficaram motivados e “muitos intelectuais se interessaram pelas ideias espíritas, incluindo o Imperador D. Pedro II, a Princesa Isabel e Machado de Assis” (Muniz, 2013, p. 3).

A adesão das classes sociais instruídas e abastadas, ciosas da proposição caritativa doutrinária do Espiritismo, acentuou sua di-

³ Segundo conceituação de Kardec (2004, p. 120), trata-se da imposição das mãos sobre uma pessoa. A ciência espírita presume que essa prática “não é mais do que a exaltação da potência magnética”.

vulgação para outros estamentos, como os setores sociais menos favorecidos economicamente. Essa relação contribuiu para a construção arquetípica do indivíduo espiritista espelhado socialmente por um “status” elitista e intelectual, pois, mesmo tendo:

Nascido na França, o Espiritismo difundiu-se no Brasil logo que chegou, inicialmente entre os imigrantes franceses e membros da classe média urbana, em especial intelectuais, médicos, jornalistas, escritores, comerciantes e políticos. Note-se que, tanto no seu país de origem, a França, quanto no país onde mais se desenvolveu, o Brasil, o Espiritismo foi inicialmente mais bem-recebido pelas pessoas ditas esclarecidas. Isso se deve, sem dúvida, ao caráter racional, científico e filosófico da doutrina (Silva, 2011, p. 52, tradução nossa).

A partir da popularização da doutrina, se formou um “movimento espírita”⁴ tradicional dos espiritistas brasileiros, representado pela Federação Espírita Brasileira – FEB⁵, fundada em janeiro de 1884, institucionalização relevante na veiculação literária dos postulados doutrinários (Federação Espírita Brasileira, 2023). Em 1949, é assinado o Pacto Áureo, capitaneado pela FEB, intentando um acordo para limar as diferenças existentes entre as federações e instituições estaduais e a unificação num movimento central, no qual “a intelectualidade orgânica do espiritismo brasileiro ficou claramente com a doutrina, demonstrando que a generosidade e a caridade espírita têm um limite: a preservação da identidade da interpretação hegemônica do espiritismo” (Signates, 2021, p. 154).

Concorre nessa perspectiva de Signates (2021) o fato da imposição estatutária da FEB aos seus adeptos da leitura da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, livro que “dá a história do Brasil feições de uma história sagrada, tratando-a como uma criação divina [...] atendendo também aos seus próprios interes-

4 Conforme a Federação Espírita Brasileira (2023), “é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita [...], sendo as suas atividades realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por Instituições Espíritas e os Pequenos Grupos de Estudo do Espiritismo”.

5 Com sede em Brasília-DF, é composta por departamentos específicos para a divulgação da doutrina espírita, realiza reuniões regulares das suas federativas estaduais e regionais, produz obras em sua editora, promove palestras doutrinárias em megas congressos nacionais e internacionais, entre outras atividades.

ses, na busca de sua afirmação como legítima representante do Espiritismo no Brasil” (Amorim, 2017, p. 52-53).

O movimento espiritista brasileiro se torna hegemônico na conjuntura da “afinidade entre um Espiritismo em ascensão social e cultural no Brasil com um projeto de Estado e nação e que se torna hegemônico na ditadura Vargas” (Camurça, 2021, p. 7), sendo que, na atualidade, essa “tendência espírita à direita encontra resistência entre os autodenominados ‘espíritas progressistas’, articulados, sobretudo, em redes sociais e em grupos paralelos à organização federativa estruturada em torno da FEB” (Miguel, 2020, p. 101).

A despeito da proposição kardequiana, na qual quando “uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem” (Kardec, 2004, p. 292), determinadas obras psicografadas por Chico Xavier, como médium expressão da doutrina no Brasil, não se ajustam a esse critério metodológico de racionalidade kardequiana, como evidencia Pires (1996) que,

André Luis manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas. A ampla liberdade que o Espiritismo faculta aos adeptos tem os seus limites rigorosamente fixados na metodologia kardeciana (Pires, 1996, p. 12).

A proposta da FEB de unificação consolida sua institucionalização como entidade *matter* representante do movimento, especialmente no campo social religioso, com regulação centralizada de poder hierocrático e orientada por proposta de caráter material e divino, como referido na obra de Chico Xavier. Com sua lavra⁶ de cunho devocional, Chico Xavier instigou os adeptos a estudarem

⁶ Chico Xavier (1910/2002) é autor de 416 livros espíritas (O MOVIMENTO [...], 2022), sendo os direitos autorais outorgados à Federação Espírita Brasileira.

o Evangelho de Jesus, compondo assim a “identidade religiosa do espiritismo como também o reafirma enquanto religião⁷ cristã, sociologicamente, ao lado do catolicismo e do protestantismo” (Souza; Arribas; Simões, 2017, p. 30).

Portanto, esse período vivenciado pelo Espiritismo no Brasil, de construção do movimento hegemônico numa aceção religiosa ascética, levou “o povo a considerá-lo como simplesmente uma religião, enquadrando-o nas exigências formais do sistema igreja” (Pires, 1984, p. 45), devido ao “caráter religioso e místico de sua população [...] pelo fato de abrigar credos diversos, provenientes do sincretismo entre os cultos africanos, indígenas e do catolicismo popular bastante permissivo que tivemos por aqui” (Arribas, 2014, p. 45).

Na temporalidade, o movimento se caracteriza na produção literária e na autoridade institucionalizada da FEB, controladora da mediunidade e dos posicionamentos políticos e ideológicos dos seus adeptos, numa defesa intransigente contra pensamentos antagônicos e formado na particularidade de “movimento estagnado entre 3 e 5% da população brasileira e concentrado nas faixas de alta renda e de elevada escolaridade” (Signates, 2022).

Em seu fluxo editorial e midiático, face às necessidades contemporâneas, o movimento passa a ser representado na figura icônica do médium psicógrafo e orador espírita Divaldo Franco⁸. Isto posto, e desfrutando da condição de “oráculo” junto ao movimento hegemônico, seus discursos demonstram posicionamentos conservadores e defesa de determinadas posturas políticas quando, por exemplo, nominou o ex-juiz Sérgio Moro para “Presidente” da fictícia República de Curitiba⁹ ou concordou com a proposta do ex-prefeito de São Paulo, João Dória, em servir “ração humana” nas escolas públicas.

7 Para Allan Kardec, o Espiritismo se tratava de religião apenas “no sentido filosófico [...] porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos” (KARDEC, 2020a, p. 409), mas o excluía das demais configurações que definem o que seja religião.

8 Conforme o site *Mansão do Caminho*, o médium percorreu 70 países (1.100 cidades) realizando palestras, seminários, cursos e conferências. Possui mais de 250 obras, entre psicografias e coautorias publicadas em diversas editoras, totalizando cerca de 10 milhões de cópias vendidas (MANSÃO [...], 2023).

9 Em coletiva no Congresso Espírita de Goiás, os médiuns Divaldo Franco e Haroldo Dutra declararam seus posicionamentos quanto às atividades da justiça na cidade de Curitiba, suas posturas partidárias contra o Partido dos Trabalhadores e suas opiniões quanto à problemática da “ideologia de gênero” (LAURINDO, 2022).

Essas características são reforçadas por Divaldo Franco, ao promover discursos de intolerância religiosa, afirmando existirem espíritos de religiões não cristãs que obsidiam os espiritistas cristãos, e postura ideológica, quando reitera a existência de um processo de “ideologia de gênero” e não de “estudos de gênero”.

Como proposta, a obra kardequiana apregoa que os avanços moral e intelectual demandam “aos homens do progresso ativar este movimento pelo estudo e pela colocação em prática dos meios mais eficazes” (Kardec, 2002, p. 355). Considera Porteiro (2008, p. 11) que o “Espiritismo não é uma ideologia conservadora, adaptável aos interesses econômicos mesquinhos que servem de fundamento ao atual regime social”. Estas considerações estruturam uma teoria social espírita e são corroboradas pelo pensamento de Denis (2018):

O Espiritismo embora compreenda e explique certos fenômenos sociais e econômicos através da lei da reencarnação, tem que ser eminentemente revolucionário no sentido de reivindicar as mudanças da estrutura da sociedade, combatendo a concentração da riqueza e a ausência de fraternidade que significam a manutenção dos privilégios e dos excessos no uso dos bens (Denis, 2018, p. 8).

Numa análise das relações de Allan Kardec com a política, considerando a contextualização histórica de uma França absolutista do Imperador Napoleão III, Incontri (2021, p. 81) afirma que “podemos fazer uma leitura progressista, à esquerda, do espiritismo – dentro do que poderia ser chamado de progressista em meados do século XIX”.

Em proposições que se ajustam às considerações de um espiritismo progressista e que ultrapassam o discurso conservador do movimento espírita hegemônico surgem os coletivos espíritas ou do livre-pensar. Esses coletivos espíritas, ainda que recentes, são definidos, em estudo realizado por Signates e Damásio (2021),

como perspectivas sociais do Espiritismo defendidas por determinados grupos¹⁰ dentro do movimento brasileiro, sendo que:

Essa vertente possui várias inspirações [...] indo desde o ideário da Teologia da Libertação, que amplia o leque de contatos do espiritismo com o catolicismo no Brasil, até manifestações contextualizadas de crítica ao bolsonarismo e defesa de alterações em dogmática e ritualidades espíritas hegemônicas no país. [...] essa noção abrange essa série de agrupamentos, a maioria ancorados nas relações viabilizadas pela internet e iniciados nos últimos anos, e que chama a atenção por efetuar uma forte ruptura com a hegemonia conservadora e apolítica do movimento espírita (Signates; Damásio, 2021, p. 3).

Esse contraponto da corrente dos espíritas à esquerda, “progressistas”¹¹, do livre-pensar, do kardecismo autêntico ou coletivos espíritas, sem nomenclatura específica de movimento unívoco convencional, vigendo no campo virtual (redes sociais, plataformas digitais e blogs na Internet), propugna o rompimento com o conservadorismo espiritista, pois a “tendência espírita à direita encontra resistência entre os autodenominados ‘espíritas progressistas’, articulados, sobretudo, em redes sociais e em grupos paralelos à organização federativa estruturada em torno da FEB” (Miguel, 2020, p. 101) e ações relacionais entre política e religião. O primeiro autor do presente artigo, na vivência por mais de duas décadas no movimento espiritista palmense, na condição de observador-participante¹², constatou a conformação singular no interpretar e vivenciar os postulados kardequianos e a costumeira prática caritativa assistencialista, sem uma proposição alargada de justiça social associada a uma postura de intolerância caracterizada por “uma mentalidade melíflua e hipócrita, capaz de falar em caridade

10 O referido estudo de Signates e Damásio (2021) elabora, em sua página 9, o Quadro 1 – Tipos dos Coletivos Cartografados, contendo as denominações e características desses grupos.

11 Configura-se uma redundância, pois se a proposta do Espiritismo é sustentada por uma filosofia espiritualista, que conduz ao progresso intelectual e moral, tanto do indivíduo como da coletividade, para que atuem no progresso geral da humanidade, per si ele já é progressista.

12 Até meados de 2018, o primeiro autor do texto foi adepto ao movimento espiritista hegemônico palmense reconsiderando a sua participação no movimento ao conhecer as asserções progressistas dos coletivos espíritas. Entretanto, a análise sociológica do objeto deste estudo se ateve estritamente à neutralidade axiológica.

e amaldiçoar a distribuição de renda, pregar o perdão e votar no ódio e no preconceito, como a que parece viger no Brasil espírita contemporâneo” (Signates, 2021, p. 159).

Reconhecidas essas premissas do movimento espiritista palmense, em se assentar nas proposituras doutrinárias da institucionalização hegemônica, sendo a maioria das associações representadas pela Federação Espírita do Estado do Tocantins – FEETINS (2022), aplicamos inquéritos socio-econômicos, presenciais e virtuais¹³, junto aos adeptos das diversas instituições e consideramos os dados constantes no Censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (IBGE, 2011).

É pertinente considerar que a cidade de Palmas, por sua característica de urbanização planejada no final da década de 1980 para servir como capital do Estado, engendrou projeto arquitetônico estratificador dos espaços destinados para habitação, indústrias e prestadores de serviços, comércio e administração e autarquias públicas em quadras ou nichos específicos, tentando planejar uma cidade com logicidade e praticabilidade para os residentes e usuários.

Essa conformação proveu internamente nas quadras residenciais espaços específicos para os estabelecimentos fornecedores de produtos e serviços no atendimento às necessidades cotidianas da população e, desse planejamento, a ocupação dos espaços urbanos evidenciou a racionalidade capitalista de forma especulativa não considerando, primordialmente, a função social da propriedade urbana.

Com isso, a instalação das classes média e alta no Plano Diretor gerou a necessidade de criação de espaços nas periferias distantes do centro da cidade, destinados à ocupação da população economicamente vulnerável, representada, maioritariamente, por mão de obra migrante, pois o projeto arquitetônico “contemplou, no Plano Diretor, guetos para a classe detentora dos poderes político-econômicos ao tempo que, os menos favorecidos [...] foram deslocados para as periferias da cidade” (Cruz, 2017, p. 80).

¹³ Foi utilizada a técnica de pesquisa denominada por “bola de neve”, remetendo o link do *Google Forms* para 50 indivíduos da nossa rede social, os quais se propuseram em divulgar o inquérito em suas próprias redes sociais.

Essa configuração urbanística instituiu um espaço geográfico marginal, necessitado das políticas públicas, bem como um contingente expressivo de desempregados e subempregados, marcados pela vulnerabilidade econômica e conseqüente necessitados de caridade assistencial. Sob essas condições do perfil urbanístico palmense, gerador de uma população marginal, um grupo de adeptos da Doutrina Espírita se reuniu, em 25 de janeiro de 1989,¹⁴ com a finalidade de criar a FEETINS, com o estatuto aprovado em abril de 1989 e instalação em agosto de 1990.

Adredemente, esse grupo de adeptos recebeu a doação de um terreno localizado no bairro periférico Aurenny III, que estava em formação, e nele fundou o Centro Espírita Amor e Caridade, com a finalidade de atendimento assistencial às famílias carentes, com orientação doutrinária através de palestras para adultos, evangelização para crianças e jovens adolescentes e auxílio material com o oferecimento de sopas e cestas básicas alimentares.

Em seu estudo¹⁵ sobre o movimento espiritista palmense, Cruz (2023) constatou existirem nele componentes do movimento espírita brasileiro hegemônico, tais como ser institucionalizado e sujeição a um regramento central; ser conservador e não observador da racionalidade crítica proposta por Kardec; neutralidade política e idolatria a determinados médiuns. Esta pesquisa também constatou que o movimento tem no livro um sinônimo para estudioso e padrão de intelectualidade, na caridade uma possibilidade de “salvação” e nas relações políticas e econômicas o exercício do poder simbólico¹⁶, como elementos constitutivos do pensamento da maioria dos aderentes.

Esse comportamento, a exemplo dos partidários da FEETINS, está patente, simultaneamente, nas instituições palmenses ligadas às federativas do Concafras e da FDJ¹⁷. A participação do primei-

¹⁴ A reunião aconteceu na cidade de Miracema do Tocantins, capital provisória do Estado (Ramos, 2022).

¹⁵ Na Tese de Doutorado *O sentido no pertencimento religioso: estudo sociológico do movimento espiritista em Palmas, Tocantins, Brasil*, Cruz (2023), em conclusão de suas análises (estatística e de discurso) dos dados levantados, descreve mais detalhadamente as características do referido movimento.

¹⁶ Segundo Bourdieu (1989, p. 14-15), o poder simbólico “se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença”.

¹⁷ Instituições em nível nacional: FEB, representada pela FEETINS; a Confraternização das Campanhas de Fraternidade Auta de Sousa e Promoção Social Espírita – CONCAFRAS-PSE, com diversas instituições, e a Fraternidade Discípulos de Jesus – FDJ, representada pelo Grupo Fraternal Allan Kardec.

ro autor como voluntário e palestrante em diversas instituições, adesas a essas três associações nacionais, permitiu constatar que o movimento palmense é representado por um expressivo quantitativo de indivíduos com pensamento “conservador”, marcado pela institucionalidade religiosa, normativa, dogmática e apolítica, sendo que uma “Federação é uma espécie de catedral e um centro espírita é uma igreja” (Pires, 1984, p. 45).

Na conformidade do *habitus* desses indivíduos, reforçado na escolaridade e legitimados no campo pelo pertencimento às classes sociais economicamente privilegiadas, essa corrente conservadora espiritista palmense se identifica com o que propugna Signates (2023, p. 264), de que ela atua ativamente nas “vertentes reacionárias, de índole machista, racista e homofóbica, que persistem sobretudo nas classes médias e altas do Brasil”.

Outro aspecto a realçar é que o movimento espiritista palmense se conforma à constatação de Camurça (2021, p. 8), na qual “de um lado, registra-se uma intensa mobilização no atendimento aos necessitados, mas de tipo particular, restrita ao âmbito religioso-espírita e de outro seu indiferentismo às amplas questões sócio-políticas do país”, bem como se afeiçoa a uma religiosidade católica, no carisma e infalibilidade das mensagens psicografadas de determinados médiuns. A convivência no meio espírita possibilitou observar alguns palestrantes com proposições simplistas, em discursos com interpretações particulares sobre a proposição kardequiana de causa e efeito na reencarnação.¹⁸

Tais intepretações reducionistas desse postulado filosófico, num entendimento absoluto do “aqui se faz, aqui se paga”, imprime no indivíduo condicionalidade ao determinismo, ao punitivismo e a atribuição de culpa. Numa percepção mais complexa que considere a relatividade dos atos na interexistencialidade, a interpretação da causa e do efeito pela prática de uma ação equivocada é proposta evolutiva, pois “nada existe de absoluto em nosso mundo, que é naturalmente relativo. A fraternidade, a igualdade

¹⁸ Na questão nº 132 da obra *O Livro dos Espíritos*, ao perguntar aos Espíritos qual era a finalidade da encarnação, a resposta é clara, pois que “Deus a impõe com o fim de levá-los à perfeição” (Kardec, 1995, p. 95).

e a liberdade são conceitos relativos, que tendem, porém, para a efetivação absoluta, através da evolução” (Pires, 1979, p. 113).

Dadas essas configurações de um movimento social assistencialista filantrópico, alijado de propostas efetivas de justiça social, expressando argumentos justificadores das práticas igrejeiras, propostas pelos adeptos com a vontade “de fazer da doutrina uma elaboração refinada, com requintes e etiquetas sociais na sua prática” (Pires, 1984, p. 130) e com suporte em literatura das “estantes de muitas casas espíritas e livrarias leigas, oriunda de espíritos que podem dar excelentes conselhos particulares, mas são incapazes de produzir um trabalho de conjunto completo, passível de suportar uma crítica rigorosa” (Aleixo, 2022, p. 72), podemos concluir que o movimento palmense espelha um poder hierocrático.

Esse poder resguardado por discursos com viés conservador, a despeito de serem contestados veementemente pelos pensadores dos coletivos espíritas¹⁹, por ser um “problema da idolatria, da falta de critério e de estudo e, sobretudo, da falta das diretrizes racionais que Kardec imprimiu ao Espiritismo” (Incontri, 2018), repercutem em expressivo *quantum* dos adeptos do movimento espiritista palmense.

Por consequência dessa situação, e na especificidade da interpretação singular no entendimento de determinados postulados doutrinários kardecistas, antagonicamente, as formulações dos coletivos espíritas, às margens do movimento hegemônico, reforçam o livre-pensar em resistência ao conservadorismo, propondo outro modelo assim resumido:

Resistências a esse modelo de expressão do Espiritismo brasileiro, no entanto, começaram a se delinear especialmente a partir dos anos 80. Configurando tendências ainda em construção, essas novas correntes se apresentam como outras leituras da tradição. O ponto comum entre elas, parece-me, reside na busca

19 Conforme estudo cartográfico de Signates e Damásio (2021, p. 9), na relação dos coletivos espíritas brasileiros, ainda que sejam caracterizados pela virtualidade informática, não se verificou a existência de qualquer grupo com essa denominação em Palmas – Tocantins.

de afastamento da leitura católica de que se impregnou o Espiritismo com Chico Xavier. Na maioria dos casos a estratégia adotada consiste na constituição de outros interlocutores, dentro e fora do campo religioso, resultando, em consequência, a possibilidade de se trilhar caminhos diversos (Stoll, 2002, p. 384).

Dada a proposição weberiana do agir social do indivíduo considerar e se orientar pelo comportamento do outro, no “passado, presente ou esperado como futuro” (Weber, 1991, p. 13), e pelo princípio da reencarnação, remontamos às questões ontológicas das causas e efeitos da existência: o Espiritismo em sua perspectiva filosófica da “natureza dos Espíritos e suas relações com os homens [...] e o porvir da humanidade” (Kardec, 1995), descrita no frontispício d’*O Livro dos Espíritos*, acomoda no indivíduo um processo de conhecimento moral e intelectual com sentido na interexistencialidade.

Essa concepção do Espiritismo remonta, intrinsecamente, à construção de uma sociedade equitativa, justa, fraterna e apartada da alienação religiosa com “laços de real simpatia, uma solidariedade mútua, pela própria força das circunstâncias, contribuindo para o progresso geral” (Kardec, 2004, p. 342), ou seja, uma sociologia “espírita” progressiva que considere no sentido dado a ação do indivíduo a sua condição de interexistente, pois suas relações sociais se iniciam “no plano espiritual. Isto porque o Homem é primeiramente Espírito e o Mundo Espiritual é o [...] ‘normal e verdadeiro’, do qual deriva o Mundo Corporal” (Pires, 1983, p. 38).

Tal asserção de uma nova ordem mundial, denotada por conceito filosófico, não demanda “uma crença cega, mas quer que se saiba por que se crê” (Kardec, 1995, p. 387), ao tempo que não subjugua o ser interexistencial pelo medo e pela culpa; longe disso, estimula a consciência e a responsabilidade no progresso da sociedade ao racionalizar seus atos intentados e praticados, visto gozar do livre-arbítrio.

Nesse caminho, como proposição sociológica, o Espiritismo pode ser entendido como fenômeno, que se aparta do pensamen-

to conservador, estático e se associa a uma consciência progressista, na medida em que propõe uma sociedade com “aspiração do homem por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficientes” (Kardec, 2002, p. 355).

Relações de “afinidades eletivas” no campo social espírita palmense

Diante da contextualização löwyniana das “afinidades eletivas”, é razoável apontar uma aproximação quanto ao encadeamento entre os variados campos sociais das relações observadas no movimento espiritista palmense, como, por exemplo, o nexos existente entre a divulgação do espiritismo e a dinâmica capitalista.

Essa relação de similitude – religião e economia – repercute no movimento local,²⁰ por amplitude da condição do Espiritismo como “religião do livro, da leitura e do letramento, num sentido que dificilmente se iguala a outras religiões” (Lewgoy, 2000, p. 10), na difusão em modalidades mediáticas (filmes, novelas, programas radiofônicos) e na expansibilidade das palestras públicas, em redes sociais, vídeos no *Youtube*, megacongressos nacionais e internacionais.

Esse contexto espelha o vínculo de “afinidades eletivas” expressa na “relação interna no campo econômico”, simbolizado numa religiosidade institucional com subsistência nas leis de oferta e procura de mercado. Esse nexos está normalizado na condição de que uma instituição religiosa não é provida exclusivamente por um sentimento restrito à religiosidade no cenário capitalista vigente.

Mesmo na incipiência, no movimento palmense, das modalidades mediáticas e de médiuns ícones oradores em palestras públicas, nacionais e internacionais, verifica-se a “afinidades eletivas” de “relação interna no campo econômico” em virtude da FEETINS

²⁰ O nexos religioso e econômico se posta na condição dos espiritistas palmenses pertencerem, em sua maioria, às classes intelectualizadas e privilegiadas economicamente, o que incrementa o acesso à literatura em geral e espírita (Cruz, 2023).

comercializar livros e outros produtos, além de possuir um canal na Internet na plataforma *Youtube*²¹ com possibilidade de monetização.

Como as correlações não são absolutas, a comercialização literária, presente no movimento espiritista palmense, se afigura também como “afinidades eletivas” de relação “entre as classes sociais e ordens religiosas”, devido ao poder econômico das classes média e média alta e seu nexos com processos religiosos Cruz (2023), pois existem “acontecimentos da vida religiosa [...] que em determinadas circunstâncias podem adquirir um significado econômico” [que] são ‘economicamente relevantes’” (Weber, 2011, p. 31-32).

Outro nexos de “afinidades eletivas” presente no movimento palmense é o “entre formas religiosas e formas políticas”, representado na interação da política²² com a religião. Ainda que conceitualmente Löwy (2011) não a considere interna ao campo, se verifica internamente na instituição quando esta coage a ação do indivíduo a uma dependência estatutária motivadora do agir racional por valores, incitando-o a exercer essa subordinação “como norma, para a ação humana que pretende para si o predicado de ‘moralmente boa’” (Weber, 1991, p. 22).

Nessa relação, os valores doutrinários sustentados pelo pensamento conservador do movimento hegemônico, como exemplifica Incontri (2024), ao alegar que alguns adeptos dizem que “aquele fulano morreu na Boate Kiss porque o gás era o mesmo gás que se usava no nazismo, então eram todos nazistas que estavam lá”, bem como os “relatos de rejeição, ostracismo e até expulsões de pessoas dos grupos espíritas, por conta de posições políticas progressistas²³” (Signates, 2023, p. 265), são políticas internas ao campo que podem resultar em processos de medo e culpabilidade.

Essa postura condiciona os indivíduos aderentes do movimento hegemônico a racionalizarem o agir considerando valores morais conservadores, por acreditarem que estes são para eles designa-

21 Canal disponível em: <https://www.youtube.com/channel/>. (Federação Espírita do Estado do Tocantins, 2022).

22 Na contextualização histórica do movimento palmense, observamos relação com a política de governo na doação do terreno. Entretanto, aqui o contexto político relaciona a proposta doutrinária hegemônica imposta às instituições adesas à FEETINS e o desagravo para com as demais, no geral, e com os adeptos, no particular.

23 Nesse sentido, o primeiro autor foi constrangido e “convidado” a se retirar de determinada Instituição por realizar voluntariado em outra, associada à Federativa CONCAFRAS.

dos, pois a desobediência é reprovada com represálias pelo poder político interno ao campo religioso e o desagravo por ser uma:

[...] 'admoestação fraternal' – costumeira em alguma seitas como meio mais suave de coação aos pecadores – desde que esteja ordenada por uma norma e executado por um quadro de pessoas. O mesmo se aplica à repreensão sensória como meio de garantir normas 'morais' de comportamento, e muito mais ainda à coação psíquica exercida pelos meios disciplinares da Igreja propriamente dita. Existe, portanto, um direito hierocraticamente garantido do mesmo modo que um 'direito' garantido politicamente ou pelos estatutos de uma associação, ou pela autoridade doméstica de cooperativas ou de uniões (Weber, 1991, p. 21-22).

O estudo realizado e dados do Censo de 2010 do IBGE (IBGE, 2011) apontaram que a maioria dos adeptos ao movimento espiritista palmense pertence às classes média e alta e detentor de grau de instrução superior. Apesar dessa condição socioeconômica privilegiada, observamos que os aderentes são estereotipados por uma postura de não ostentação e do proceder caritativo assistencial.

Por adição, devido sua instrução, simboliza no campo social religioso e singularmente no espiritista, a tipificação do indivíduo intelectual, numa relação que expõe conexão por "afinidades eletivas entre os estilos de vida de uma classe social e certos estilos de vida religiosos", amparada em que a ação social, "quanto a seu sentido visado [...] se refere ao comportamento de *outros*" (Weber, 1991, p. 3).

Essa relação de "afinidades eletivas" é sustentada pelo capital cultural – o conhecimento auferido por diplomas e títulos –, o qual "pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais" (Bourdieu, 2023, p. 4) e assim determina o estilo de vida de uma classe social. Como o movimento espiritista palmense se dá num contexto de doutrina filosófica e científica, o qual deman-

da estudo e racionalidade (intelectualidade), estes são também elementos configurados pelo capital cultural, o qual determina o mesmo estilo de vida dos religiosos pertencentes ao movimento.

Ao atentarmos para o facto de que para o indivíduo a “visão de mundo depende, em larga medida, de sua própria visão de mundo com seus interesses de classe” (Löwy, 2011, p. 132-136), fomos remetidos em considerar que a compreensão das visões de mundo da classe média, nomeadamente a palmense, carece de elementos que ultrapassem o pensamento simplista da definição baseada apenas na renda, visto que, para Souza (2018),

[...] essa concepção impede a compreensão do mundo social, sobretudo porque distorce e inverte o que está no centro da ideia de classe. A classe social é, antes de tudo, *reprodução de privilégios*, sejam eles positivos ou negativos. O problema é que muitos privilégios positivos, como a posse de conhecimento valorizado – precisamente o tipo de capital monopolizado pela classe média real – são literalmente invisíveis (Souza, 2018, p. 11).

Nessa perspectiva, dado o interesse da classe religiosa espírita palmense, representado pelo poder hierocrático institucionalizado, o qual, como vimos, repele comportamentos valorativos não conservadores do *status quo* e como, por atitude, o pensamento progressista espírita é crítico e questionador, resulta em que os “detentores de privilégios não têm interesse nesse tipo de liberdade, que abre o caminho para a crítica à tradição” (Souza, 2018, p. 11).

A conjuntura da condição social do adepto espiritista palmense, de pertencimento à classe média e alta, compele para que a motivação ou sentido da sua ação social, tanto valorativa quanto finalística, considere a perspectiva de que “a vida simbólica dos indivíduos articula-se em função de mensagens religiosas particulares [...] a própria ideia de ‘individualidade’ resulta do desempenho específico de uma certa mensagem religiosa” (Souza, 2018, p. 20).

Nas interpretações desse mundo simbólico, “como seres humanos, somos a resultante da ação de ideias que são, ao mesmo tempo, valores e nos orientam na condução cotidiana da vida” (Souza, 2018, p. 24). Falando especificamente do movimento espírita hegemônico da instituição representativa em Palmas, como as proposições conservadoras são formadoras da visão de mundo, sobrevém a relação de nexos dessa perspectiva com a visão de mundo do adepto ao movimento palmense.

Assim, a construção do mundo do espiritista classe média palmense, em seu simbolismo conservador, o qual, para Souza (2018, p. 39), é enredado por “mero revestimento de interesses econômicos inconfessáveis de uma elite de rapina”, finda por negar, além das dimensões “cultural e simbólica”, a dimensão religiosa numa perspectiva da realidade que, ideologicamente, se antagoniza com os valores doutrinários kardequianos do aprimoramento social pela justiça social e não “fez ou faz alguma reflexão sobre as minorias sociais, sobre os corpos sem casas, sem segurança, sem saúde, sem educação, sem esperança de esperar, sem vida” (Júnior, 2022, p. 107).

Das relações de “afinidades eletivas” observadas no campo religioso hegemônico espiritista palmense, devido à proposta caritativa assistencialista, necessita-se de um contingente de vulneráveis socioeconomicamente nominados como “mendigos de estimação” (Júnior, 2022, p. 100) e seus praticantes não alargam a crítica inerente ao pensamento kardequiano para a compreensão do fenômeno social no qual é “possível que uns ganhem tanto e outros tão pouco” (Souza, 2018, p. 120).

Denota-se dessas condições a existência de nexos de “afinidades eletivas entre visões de mundo e interesses de classes”, pois, por seu campo econômico, o espiritista palmense carrega visões de mundo próprias, ajustadas às visões de mundo da sua classe religiosa institucionalizada. Como, para Souza (2018, p. 111), o interesse da classe média brasileira se espelha na “defesa dos privilégios que mantêm a dominação social possível e invisível”, tal padrão se reflete na classe representativa do espiritista pal-

mense, reforçando, desse modo, a relação de afinidade entre os interesses dessa classe e a visão de mundo da classe religiosa espírita em Palmas.

Nas peculiaridades das relações de “afinidades eletivas”, relativas ao movimento espiritista palmense, em sua vertente hegemônica, observamos as confirmações da conceituação löwyniana de que campos sociais aparentemente díspares demonstram possibilidades de aproximação relacional de formas sociais divergentes – religião e política, religião e economia, religião e classe social, entre outras, devido às convergências mútuas que se revestem de sentido subjetivo.

Assim, ao considerar que a experimentação obtida pela vivência pessoal por décadas no fenômeno social do movimento espírita palmense, na condição de observador-participante, juntamente com pesquisas baseadas em dados levantados, possibilitaram interpretarmos a configuração de atividade religiosa como corrente hegemônica. Nas definições da relação sujeito e objeto, na qual nos inserimos em ambas conceituações, compreendemos na especificidade dessa esfera social os nexos que demonstram teórica e metodologicamente as relações conceituadas por Löwy (2011) como “afinidades eletivas” na singularidade da religiosidade espiritista palmense.

Considerações finais

O estudo do movimento espiritista palmense, e suas possíveis *afinidades eletivas*, identificou determinados nexos existentes para as diversas associações entre campos sociais dissemelhantes. A construção classificatória löwyniana possibilitou identificar os nexos dados pelas relações “interna no campo económico” e entre “classes e ordens religiosas”, “formas religiosas e formas políticas”, “estilos de vida de uma classe social e certos etilos de vida religiosos” e “visões de mundo e interesses de classe”.

Por essas associações de “afinidades eletivas” se reforça o movimento espiritista palmense hegemônico, caracterizado por

indivíduos de uma classe social expressa, em sua maioria, por um estamento intelectualizado face à sua condição econômica, sectário do grupamento institucionalizado (FEETINS e outros) do Espiritismo em Palmas e sujeito à propositura de uma religiosidade hierocrática, pois em “toda parte a hierocracia buscou monopolizar a administração dos valores religiosos” (Weber, 1982, p. 326).

Face à predominância doutrinária hierocrática do movimento hegemônico espírita palmense, decorrem tanto contradições²⁴ tácitas e evidentes quanto um “ajustamento” de proposição doutrinária à filosofia kardecista. Reafirma ainda que o movimento em si não é a Doutrina Espírita, pois o “fenômeno dos kardecistas de extrema-direita só o confirma [...] É que os princípios éticos-morais espíritas, se levados às suas últimas consequências não referendam a exploração e o individualismo litigante capitalista” (Aleixo, 2021, p. 191).

Dessas e outras antíteses se reforça o regramento coercitivo com “mistificações que vieram a grassar sobre o nosso movimento que propagaram ensinamentos mediante um poderoso parque editorial e uma considerável infraestrutura institucional” (Aleixo, 2019, p. 8), canalizados para uma classe social detentora de capital cultural e econômico, em virtude de um “nível de renda que permite investimentos de alto retorno na educação e nas relações pessoais” (Souza, 2018, p. 111).

Assim, consideradas as variadas construções löwynianas, realizamos “uma análise em termos de afinidades eletivas perfeitamente compatível com o reconhecimento do papel determinante das condições econômicas e sociais” (Löwy, 1989, p.18), reconhecendo elementos específicos na construção das relações internas ao campo religioso e externas com outras esferas sociais. Nas suas relações religiosas, o indivíduo espiritista, por vezes, se aparta da propositura doutrinária filosófica kardequiana da crítica racional e se aninha nas orientações do movimento hegemônico institucio-

24 Por exemplo: entre o pensamento de Kardec, no qual “todo homem que não se guia pela fé cega é, por isto mesmo, livre-pensador” (Kardec, 2020b, p. 10-11) e a consideração estatutária da FEB, que determinava a prática das orientações da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier.

nalizado, que busca ressignificar o Espiritismo com variados nexos de “afinidades eletivas”.

Desta forma, o movimento espiritista palmense em suas “afinidades eletivas” se relaciona com fenômenos sociais díspares, manifestamente heterogêneos, ainda que internos ao seu campo social “religioso” e externos de nexos com as esferas política, econômica, entre outras. Contudo, é oportuno salientar que as modalidades de “afinidades eletivas” de Löwy (2011) não se caracterizam por serem estáticas ou fechadas em si próprias, perpassando-se umas pelas outras.

Por conseguinte, o assunto não se encerra aqui, pois das sobreposições entre as diversas “afinidades eletivas” é possível a existência de tantas outras correlações, como, por exemplo, entre o campo religioso e os campos ideológico e cultural, fenômenos que não foram ainda analisados no presente estudo do movimento espiritista palmense.

Ademais, por consequência da subjetividade das visões de mundo dos indivíduos professantes do espiritismo em Palmas, as quais, em virtude do seu *habitus*, são motivadoras das causalidades e sentidos das suas ações sociais tradicionais e afetivas, para além daquelas finalísticas e valorativas, as relações entre as “afinidades eletivas” e a “religiosidade” são comprovadamente complexas, dinâmicas e transitórias na conformidade da reflexividade no agir do sujeito.

Conforme nos ensina a Sociologia, as relações sociais de nexos variam de indivíduo para indivíduo, de grupo social para grupo social, na equivalência da racionalidade como motivações que encadeiam os agires e que proporcionam às causalidades das ações um sentido evidenciado. Essa condição é constatada neste ensaio, face aos contextos relacionais da ação do sujeito espiritista palmense no próprio campo econômico, entre sua religiosidade, a política e a classe social que o representa, seu estilo de vida e o dos outros espiritistas relevando a importância do *ethos* nas relações regidas por visões de mundo e seus interesses de classe religiosa.

Referências

ALEIXO, Sérgio Fernandes. **O primado de Kardec**: metodologia espírita e cisma rustenista. Rio de Janeiro: ADE, 2019.

ALEIXO, Sérgio Fernandes. Identidade política do Espiritismo. *In*: INCONTRI, Dora; PINTO, Sérgio Maurício (org.). **Espiritismo, Sociedade e Política**: projetos de transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021. p. 188-199.

ALEIXO, Sérgio Fernandes. Sob a tutela das mistificações: do Rustenismo ao Bolsonarismo. Que Espiritismo é o nosso? Ensaios da hora extrema. *In*: ALEIXO, Sérgio Fernandes. **Sergio Aleixo Blogspot**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: Disponível em: <https://sergioaleixo.blogspot.com/2022/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

AMORIM, Pedro Paulo. **As tensões no campo Espírita Brasileiro em termos de afirmação (Primeira metade do Século XX)**. 2017. 462 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180916>. Acesso em: 25. nov 2023.

ARRIBAS, Célia da Graça. **No princípio era o verbo**: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22012015-184049/publico/2014_CeliaDaGracaArribas_VOrig.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: a desigualdades frente à escola e à cultura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 5,

n. 10, p. 4-15, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/42465>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão Editorial, Ltda, 1989.

CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. **Plural**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 136-160, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770076006/html/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

COHN, Gabriel. Como um hobby ajuda a entender um grande tema. *In*: WEBER, Max. **Fundamentos racionais e sociológicos da música**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 9-19.

CRUZ, João Carlos Lima da. **O IPTU Progressivo e sua função social**: análise da implantação desse instrumento na cidade de Palmas-TO. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2017.

CRUZ, João Carlos Lima da. **O sentido no pertencimento religioso**: estudo sociológico do movimento espiritista em Palmas, Tocantins, Brasil. 2023. 255 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Beira Interior, Covilhã, 2023.

DENIS, Léon. **Socialismo e Espiritismo**. Limeira: Editora Conhecimento, 2018.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Movimento Espírita: O que é? *In*: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **[Site institucional]**. Brasília, DF, 2023. Disponível em <https://www.febnet.org.br/portal/duvidas-frequentes>. Acesso em: 14 mai. 2023.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DO TOCANTINS. Net, Palmas, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/@FEETINSTO>. Acesso em: 14 maio 2023.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/panorama>. Acesso em: 15 mar. 2023.

INCONTRI, Dora. O Espiritismo é punitivista? Bragança Paulista, 2024. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Associação Brasileira de Pedagogia Espírita ABPE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A5QxPdDIfq4&t=779s>. Acesso em: 4 mar. 2024.

INCONTRI, Dora. Espiritismo, anarquismo e não violência. *In*: INCONTRI, Dora; PINTO, Sérgio Maurício (org.). **Espiritismo, Sociedade e Política**: projetos de transformação. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021. p. 77-92.

INCONTRI, Dora. Desinformação, cegueira e idolatria no movimento espírita. *In*: **Blog ABPE**. Bragança Paulista, fev. 2018. Disponível em: <https://blogabpe.org/?s=desinforma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 21 maio 2023.

JÚNIOR, Alexandre. **Espiritismo, educação, gênero e sexualidades**: um diálogo com as questões sociais. Recife: CBA Editora, 2022.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Livraria e Editora Espírita Humberto de Campos, 1995.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: Edições Centro Espírita Léon Denis Editora, 2002.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora-Lake, 2004.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – 1868. São Paulo: Editora Cultural Espírita Edicel, 2020a.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – 1859. São Paulo: Editora Cultural Espírita Edicel, 2020b.

LAURINDO, Ana Cláudia. Divaldo, o médium decaído. *In: Espíritas à esquerda*. [S. l.], jul. 2022. Disponível em: <http://espiritasaesquerda.com.br/divaldo-o-medium-decaido>. Acesso em: 21 maio 2023.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. 2000. 353 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16244/000373496.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev 2024.

LÖWY, Michel. **Redenção e Utopia**: o judaísmo libertário na Europa Central. Um estudo de afinidades eletivas. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

LÖWY, Michel. Sobre o conceito de “afinidades eletivas” em Max Weber. **Plural**, São Paulo, v. 17, n.1, p. 129-142, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MANSÃO DO CAMINHO. Biografia completa de Dilvado Pereira Franco. *In: Mansão do caminho*. Salvador, 2023. Disponível em: <https://mansaodocaminho.com.br/divaldo-franco/>. Acesso em: 22 mai. 2023.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. **Sæculum - Revista de História**, João Pessoa, v. 25,

n. 42, p. 86-104, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/50928>. Acesso em: 18 fev. 2024.

MUNIZ, Djalda Maracira Castelo Branco. A chegada do livro espírita no Maranhão no fim do Século XIX. *In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA*, 3., 2013, São Luis. **Anais** [...]. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2013. p. 1-8. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/714433/a-chegada-do-livro-esp%C3%ADrita-no>. Acesso em: 18 dez 2023.

O MOVIMENTO espírita. Obras de Chico Xavier. *In: Portal do espírito Allan Kardec*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://portaldoespirito.comunidades.net/obras-de-chico-xavier-por-ordem-cronologica>. Acesso em: 22 maio 2023.

PIRES, José Herculano. **O Espírito e o Tempo**: introdução antropológica ao Espiritismo. São Paulo: Editora Cultura Espírita Edicel, 1979.

PIRES, José Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. São Paulo: Editora Paideia Ltda, 1983.

PIRES, José Herculano. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**: conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. São Paulo: Editora Cultural Espírita Edicel, 1984.

PIRES, José Herculano. **Vampirismo**. São Paulo: Editora Paidéia, 1996.

PORTEIRO, Manoel S. **Conceito Espírita de Sociologia**. São Paulo: PENSE-Pensamento Social Espírita, 2008.

RAMOS, Leila. FEETINS Institucional. *In: Federação Espírita do Estado do Tocantins*. **[Site institucional]**. Palmas, 2022. Disponível em: <https://www.feetins.org.br/geral/institucional.php>. Acesso em: 25 maio 2023.

SIGNATES, Luiz. **Fundamentos para uma teoria social espírita**. Goiânia: AEPHUS – Associação Espírita de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, 2023.

SIGNATES, Luiz. O conservadorismo político no espiritismo brasileiro. *In*: INCONTRI, Dora; PINTO, Sérgio Maurício (org.). **Espiritismo, Sociedade e Política**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2021. p. 145-176.

SIGNATES, Luiz. O Espiritismo Progressista. [S. l.], 2022. 1 vídeo (142 min). Publicado pelo canal Ágora Espírita. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3QBzyhYScLg>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais de contrahegemonia Espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. **Tropos Comunicação, Sociedade e Cultura**, Rio Branco, v. 10, n. 1, p. 1-29, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4535>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SILVA, Érica Quinaglia. **Santé et Spiritisme**: Itinéraires thérapeutiques de la troisième révélation en France et au Brésil. 2011. 329 f. Tese (Docteur au Sociologie et Anthropologie Sociale) – Faculté des sciences humaines et sociales, L'Université Paris Descartes, Paris, 2011. Disponível em: <https://www.sudoc.abes.fr/cbs/xslt/DB=2.1//SRCH?IKT=12&TRM=168916444>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SOUZA, André Ricardo de; ARRIBAS, Célia da Graça; SIMÕES, Pedro. Feições expressivas do movimento espírita brasileiro. **Religare**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 28-59, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/34590/18918/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SOUZA, Jessé José Freire. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27138/28910>. Acesso em: 5 jan. 2024.

WEBER, Max. **Ensaios em Sociologia**. Porto: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Editora Ática, 2011.